

extraído apenas um trecho para servir de epígrafe), Germano Almeida, Eça de Queirós, Trindade Coelho, Vergílio Ferreira, D. Francisco Manuel de Melo, Miguel Torga – figuram na Bibliografia Ativa, lamentamos que outras impropriedades (como o uso de “áurea” por aura), venham empanar a edição deste trabalho, onde se vê o entusiasmo de uma jovem investigadora.

*Maria Aparecida Ribeiro*

**PETAR PETROV (2014). O PROJETO LITERÁRIO DE MIA COUTO.**

**Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.**

**124 páginas ISBN 978-989-8577-24-5**

A literatura do escritor moçambicano Mia Couto tem despertado muitas discussões e reflexões no campo da linguagem e da representação cultural. Os mundos formulados em suas obras constituem-se por muitos matizes culturais, reunidos e ordenados por uma lógica particularmente desenvolvida em sua prosa. Sua escrita referencia a existência de marcos orientadores, principalmente na figura de autores inspiradores, que habitualmente são lembrados em seus textos de opinião.

Há certos livros que conseguem filtrar múltiplas informações e percorrer os meandros de tão ampla produção literária, como é o caso da obra de Mia

Couto, constituindo-se como leitura orientadora de um projeto literário em franco desenvolvimento. Este é o caso do livro de Petar Petrov, *O projeto literário de Mia Couto*, onde se recuperam e desenvolvem comunicações publicadas em atas e revistas, dando-lhes novos contornos, na forma de capítulos de livros. Isso poderia levar a crer que seus conteúdos e perspectivas apresentam-se de modo fragmentado, mas não é o que acontece, pois o percurso estrutura-se pela focalização nos modelos narrativos do escritor moçambicano, propondo uma singularização do olhar para as influências de outras escritas perceptíveis na prosa miacoutiana.

A começar pelos contos, caminhando pela produção romanesca, sem deixar de lembrar de sua primeira atuação na poesia, Petrov costura uma reflexão sobre a contística moçambicana, percebendo que “o projeto literário de Mia Couto apresenta-se particularmente inovador pelo facto de evidenciar mudanças significativas no modo de representação da realidade nacional” (Petrov, 2014: 7). Em um contexto conturbado, Petrov analisa como os modelos foram sendo sobrepostos, conjugando diferentes olhares para a violência e o racismo, em moçambique. Para ele, o projeto literário do moçambicano viria como parte de uma revitalização da literatura local, com a promoção de vários autores após a publicação da revista *Charrua*.

A narrativa moçambicana aparece, portanto, sob o olhar de um crítico

experiente e que, pouco a pouco, propõe um levantamento consciente acerca das margens de produção de uma literatura em nascimento. O século XX, por ele apontado, testemunharia o despertar do autor Mia Couto, primeiro com uma coletânea de poemas e, posteriormente, com sua ficção. Como diz o autor, “a originalidade do projeto ficcional de Mia Couto tem a ver com a sua criatividade linguística, associada também à ativação do subgênero da chamada ‘estória’, cujas modalidades representativas conciliam temáticas do mundo empírico e do imaginário cultural africano (Petrov, 2014: 25).

A virada temática da narrativa moçambicana presente na produção literária de Mia Couto ganhou defensores e acusadores, como ressalva Petrov, já que construída a partir da liberdade criativa, como afirma, “pondo em evidência a dimensão estética do livro” (Petrov, 2014:21), resultado de uma linguagem inovadora. A proposta de uma nova produção estética encontraria quem a condenasse, principalmente por não corresponder às preocupações ideológicas na época. Contudo, as estórias do moçambicano, consolidadas em seu projeto literário, ganhariam destaque pela originalidade tanto na concepção do enredo, quanto na invenção de personagens.

A mesma coisa acontece quando se faz referência a outro ponto central do livro que é o tratamento dado à linguagem. Petrov salienta o casamento entre a língua portuguesa e a oralidade

das línguas locais, ressaltando o modo particularmente inovador com que o moçambicano tematiza o imaginário ancestral. Em sua abordagem, ele demonstra como a transgressão da norma, de maneira criativa e lúdica, consegue reconstruir situações, mesclando sentidos e traduzindo com novos matizes saberes ancestrais. A perspectiva defendida mostra, por meio de um elenco de críticos, como a construção literária de Mia Couto foi polêmica inicialmente, reformulando-se pela linguagem e temática, mas alcançou um patamar diferenciado ao ressignificar traços da ancestralidade.

O mundo de estórias inventado por Mia Couto, como observado, é tributário da constância de Guimarães Rosa, remetendo a um sertão mítico e de reinvenção temática e linguística, conforme a savana moçambicana. O projeto literário do autor africano envereda-se pela reconstrução roseana, marcando-se pelos jogos lúdicos que culminam na consecução de estórias formadas a partir da inovação lexical, sintática e linguística, tal como as do brasileiro. Assim, percebem-se as matrizes que foram pouco a pouco influenciando os “processos de representação da oratura em narrativa literária” (Petrov, 2014: 37), com especial relevo para a importância das narrativas africanas na produção do escritor moçambicano.

Nesse contexto, abordando o projeto literário, Petrov oferece uma panorâmica pela composição de contos e romances de Mia Couto e descreve a

estratégia usada por ele para recriar vozes tradicionais dos contadores de histórias, que se consolidam pela “oralização das estórias” (Petrov, 2014: 39). As vozes vão sendo demonstradas, sob a perspectiva do crítico, pelo recurso a extratos de texto literário, que se resumem na constatação de que grande parte das histórias são contadas por personagens em primeira pessoa, gerando a ideia de imitar os contadores africanos, os *griots*. A presença da oralidade na escrita traria para a literatura de Mia Couto um diálogo entre o tradicional e o urbano, destacados pelo estudioso em sua apresentação acerca da Moçambique representada no projeto literário do escritor.

De acordo com Petrov, a literatura de Mia Couto estaria inserida também nos temas pós-coloniais, que tem como eixo central discussões acerca da identidade cultural, assunto tão presente na obra do escritor moçambicano. O especialista propõe um levantamento crítico acerca da matéria, buscando concretizar suas reflexões sobre o pós-colonialismo por meio de uma revisão bibliográfica, que culmina com sua argumentação acerca da importância das literaturas que surgiram após a independência, principalmente por terem em si como tema primordial o da identidade cultural.

Com essa abordagem da perspectiva pós-colonial, o crítico, em sua análise do projeto literário de Mia Couto, vai consolidando argumentos acerca da identidade cultural e seus modelos

de constituição nos contextos elaborados pelo moçambicano. A Moçambique descrita pelo autor teria, portanto, matizes culturais bem demarcados, que ganhariam ainda mais destaque por uma linguagem e contextualização bem elaborados, a partir de vozes tradicionais, despertadas no âmbito narrativo pelo discurso oral, por vezes, proferido em primeira pessoa, por personagens lembrando *griots*.

Como se percebe a partir da presente exposição, esta é uma obra de imersão no projeto literário do moçambicano Mia Couto, que se destaca pelo modo como conduz o levantamento da produção literária do escritor, demonstrando as influências e os caminhos que moldaram a sua escrita. A obra reúne reflexões essenciais, no que tange a contextualização da obra moçambicana, buscando clarear o contexto de produção ao indicar historicamente o percurso do autor.

*Luciana Morais da Silva*

**PELAS MARGENS DO ATLÂNTICO  
E DO ÍNDICO: ENSAIOS SOBRE AS  
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**JORGE VICENTE VALENTIM**

**Manaus, AM: UEA Edições, 2012**

**198 páginas, ISBN: 978-85-7883-223-0**

Tenho reparado, por vezes, na profusão de citações que acompanha o início dos ensaios e artigos de colegas que